

ENTREVISTA

Carreira – Biologia

1**CONTO**

A última receita – Machado de Assis

4**ESPECIAL**

Quando o esquisito se torna legal

7

Delegação de Princeton no Etapa

8**ENTREVISTA**

Stephany Testasicca Ibrahim

“Para se dar bem na carreira é preciso paixão, gostar mesmo do que faz.”

Stephany Testasicca Ibrahim entrou no curso de Biologia da Unicamp em 2004 e formou-se em 2009, porque decidiu fazer vários estágios que, em sua avaliação, valorizaram muito seu currículo. Hoje trabalha na Unilever. Aqui ela fala de seus estudos, da experiência profissional, do mercado de trabalho e de seus projetos para o futuro.

JC – Como e por que escolheu a carreira de Biologia?

Stephany – Antes de decidir pela carreira eu já queria algo na área de Biológicas. Com o Etapa eu tive a chance de conhecer algumas faculdades. Fui conhecer o Instituto de Biologia da USP, o Instituto de Oceanografia, a Faculdade de Zootecnia em Pirassununga. Por um tempo meu foco foi a USP, porque todos os meus amigos do colégio iam estudar lá.

O que motivou você a vir estudar no Etapa?

No colégio em que eu estava desde os três anos de idade surgiram problemas com algumas matérias, como Química, que trocou três vezes de professor no mesmo ano. Vi que assim não ia conseguir passar no vestibular. Conversei com alguns professores, o que eles achavam de eu mudar de colégio. Levantaram o nome do Etapa. Fui súper bem atendida, gostei bastante. Minha mãe não só me mudou, como mudou meu irmão também.

Em quais vestibulares você passou?

USP, Unicamp, Unesp e UFSCar.

Todos para Biologia?

Sempre Biologia.

Você escolheu Unicamp. Por quê?

Não foi fácil. Eu tinha pesquisado bem antes e pensava em fazer Genética. Na minha época, Genética estava na moda. A Unicamp é muito boa em Genética, os professores escrevem nas revistas mais conceituadas de ciências. Sem contar que depois que eu entrei a Unicamp teve o primeiro laboratório de genômica e proteômica do país. Se fosse bem-sucedida, a car-

reira oferecia oportunidade de viajar o mundo inteiro, estudar, ajudar de alguma forma, agregar alguma coisa à Ciência.

Como foi o início na Unicamp?

Foi difícil. Até mudar para a Unicamp eu não sabia quanto era ligada à minha família. Nos primeiros meses ficava triste de estar sozinha. A sorte é que fiz bastante amizade lá. Comecei a fazer coisas que não fazia antes, por exemplo, reunia os amigos. Cozinhava alguma coisa – todo mundo cozinhava muito mal. A gente começou a se virar mesmo. Isso é muito gostoso, você tem um crescimento pessoal.

Nesse início, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou?

A distância com relação aos meus parentes e os horários, porque o curso é integral e bem pesado. Também ficar na mão em relação aos professores. Na faculdade eles dizem que são pagos para serem pesquisadores, não para dar aula. Você tem uma aula superbásica e o professor fala para você ler o livro x da página tal até a tal. O bom foi que o Etapa me deu condição, com as provas diárias, de não ficar acumulando matérias.

Você chegou a ter dúvida em relação à sua escolha de carreira?

A graduação inteira. Biologia é uma matéria encantadora, mas minhas aulas não eram numa sala de aula. Eu ficava uma semana inteira no meio do mato, coletando dados, e depois trabalhava com eles no computador. Biologia é 80% estatística. Você trabalha muito com cálculo. A gente tem cálculo para Biologia, física para Biologia, tem de saber trabalhar o dado.

Sem contar a matéria por si só, que é bem pesada, decoreba de ciclos, de nomes, de processos.

Vamos falar sobre as matérias que você teve no curso.

No 1º e 2º ano são as matérias obrigatórias. No 1º ano tive matérias mais básicas, que eram pré-requisito. Citologia, Histologia, Ecologia Básica, Zoologia Básica, Genética I e Anatomia. No 2º ano já comecei a ter Genética II. No 2º ano a gente já começa a correr atrás de com quem vai fazer Iniciação Científica. Porque, se não gostar, ainda dá tempo de mudar de rumo.

E no 3º ano?

A partir do 3º ano você decide se quer Biologia Molecular ou Ambiental. Eu escolhi Ambiental. Tive matérias mais focadas, por exemplo, matéria só sobre polinização, comportamento animal. Fora isso, continuamos tendo as matérias obrigatórias do curso como um todo, que reúne matérias de Molecular e Ambiental. E tem as matérias eletivas obrigatórias. Entre 15 matérias, você escolhe oito para cumprir até o fim do curso. Eu moldava meu curso do jeito que queria, mesmo dentro de Ambiental.

Uma certa flexibilidade?

Flexibilidade total. Fora isso, tinha as eletivas que você tem de fazer para cumprir os créditos e que não necessariamente têm a ver com o curso que você está fazendo. Eu preferi fazer línguas: Inglês, Inglês Técnico e Espanhol. Mas eu podia fazer matérias em outras faculdades. Tive muita coisa legal, fiz até aula de Esperanto. No 3º ano ainda começava a ter as matérias de licenciatura. Eu queria me formar no bacharelado, queria ser cientista.

Licenciatura é para todos os alunos?

O curso integral é bacharelado e licenciatura. O noturno é só licenciatura.

De qual ano você mais gostou?

Os dois últimos, área de Ambiental mesmo. Pude mergulhar de vez onde eu queria e tive muita matéria prática. Eu ia em excursões, ficava no meio de uma reserva ambiental por uma semana, depois voltava para o laboratório para refinar os dados. Eu tive um estudo no Cebimar [Centro de Biologia Marinha], um laboratório que fica numa praia em São Sebastião. Biologia Marinha era a matéria que eu estava fazendo. O laboratório é da USP, mas a Unicamp pode usar também. É um curso muito gostoso, você aprende a apreciar a vida muito mais.

Durante o curso, você chegou a ter atividades extra-classe?

No 1º ano, além de jogar handebol, eu procurei explorar Biologia, porque ainda não sabia o que queria. Fiz iniciação em risco ambiental, me interessei por microbiologia e comecei a fazer estágio com um dos professores de Biologia.

Ainda no 1º ano?

No 2º. No fim do 2º ano eu conversei com um conhecido de meu pai, dono da Apsen Farmacêutica, voltada para produtos

renais. Disse que queria fazer lá um estágio de verão. Ele perguntou: "O que você quer como contrapartida?". Respondi: "Quero aprender, só". Foi muito bacana aprender como funciona uma empresa.

O que você fazia nessa empresa?

Eu fazia controle de qualidade microbiológico. Foi bom para ver que não era microbiologia que eu queria. Não era dentro de um laboratório que eu queria ficar. Mas era dentro de uma empresa.

Você fez esse estágio nas férias e voltou para a Unicamp. Como foi o 3º ano?

Ao voltar para a Unicamp, depois desse estágio, comecei a me virar para Ambiental. Eu vi que aí eu podia fazer alguma diferença. Também me inscrevi para estágio no Banco Real. Tinha uma vaga de risco socioambiental. O estágio, supervisionado, contava crédito para a faculdade.

Você fez esse estágio em Campinas?

Na Avenida Paulista, em São Paulo. Ia e voltava todo dia. Pegava as matérias de manhã na Unicamp, das oito horas até o meio-dia. Entrava no estágio às duas horas. Trabalhava até as sete horas da noite. E ia à academia às oito horas, oito e meia.

Dormia no ônibus, na volta para Campinas?

Dormia e estudava também. E piorou depois. No curso de licenciatura você tem de fazer durante meio ano estágio supervisionado em uma escola. Comecei a fazer estágio na sexta-feira de manhã e à noite na escola Rodrigues Alves. De manhã, entrava às sete e quinze e ficava até a uma hora dando aula para o 8º ano. À noite dava aula para pessoas tentando recuperar os estudos.

Na sexta-feira você não tinha aula na Unicamp?

Não tinha aula na Unicamp por causa do estágio que contava crédito. Para mim foi mais uma experiência de vida ser professora.

No Banco Real, você fazia o quê?

Risco socioambiental era dentro da área de risco de crédito. Foi a primeira área de risco socioambiental criada. Isso em 2007.

Você ficou quanto tempo no Real?

Dois anos estagiando. De janeiro de 2007 a janeiro de 2009. Fui a primeira estagiária da área. A função era para empresas com faturamento acima de um milhão de reais. Fazia análise de crédito pelo viés social e ambiental, para o banco liberar ou não. A gente fazia análise de projetos verdes, projetos que trazem algum benefício ambiental.

Você se formou quando?

No final de 2009. Eu prolonguei minha época na faculdade para poder fazer estágio. Mas para mim foi muito bom. O estágio abriu portas e abre até hoje.

No último ano você focou na faculdade mesmo?

Foquei na faculdade e em mandar currículo para outros lugares. Para conseguir emprego.

Teve trabalho final, TCC?

A gente faz Iniciação Científica, mas ela não é necessariamente no último ano da faculdade. Fiz no 3º ano, no início do meu trabalho no Real.

Era equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso?

Isso. A diferença é que o TCC é feito geralmente em grupo. A Iniciação Científica é como se fosse um TCC para o mundo científico e você faz sozinha. Se não fizer, você não se forma.

Qual foi o tema na sua Iniciação Científica?

Risco socioambiental em instituições financeiras.

Como foi sua caminhada depois que você se formou?

Eu me formei em 2009 e logo entrei na pós em Gestão e Tecnologia Ambientais na Poli, voltada para sustentabilidade. Tem muita matéria que é técnica e muita matéria que é gerencial mesmo. Eu achava que ia aproveitar muito a pós porque dizem que MBA você tem de fazer depois de ter um cargo gerencial. Nisso recebi uma proposta de trabalho no Itaú, contrato temporário. Comecei a trabalhar com elaboração e manutenção de fundos com viés socioambiental e com alguns assuntos institucionais também.

Você já estava na pós quando foi chamada?

Começaram juntos a pós e o trabalho como terceirizada. Foi por meio ano. Quando estava no final desse contrato recebi uma proposta para trabalhar na Philips. Eu é que ia responder, representar a Philips com relação à política nacional de resíduos sólidos que ia entrar em vigor em 2010.

Como era esse trabalho? O que você fazia?

Bastante coisa. Representava a Philips em associações de classe, associações de fabricantes nacionais de produtos. O plano da Philips de baterias, sistema de coletas, eu é que fiz. Eu tinha de prestar atenção em temas regulatórios, tentar entender a lei, relações governamentais, empresariais.

Quanto tempo você ficou na Philips?

Um ano e meio, até o final de 2011. Foi quando entrei na Unilever. Era o programa de *trainee*, com 48 mil inscritos para 32 vagas.

Quantas fases no processo de seleção?

Seis fases. Três online, uma entrevista online e duas presenciais.

Você está em qual área da Unilever?

Estou em *customer marketing*.

Que qualidades a pessoa precisa ter para essa área?

Para se dar bem na carreira é preciso paixão, gostar mesmo do que faz. É um curso que tem matérias que às vezes você ques-

tiona. No mundo científico, se você quiser seguir, principalmente uma carreira acadêmica, você não é ninguém se não traz algo de novo. Tem de ser uma pessoa que questiona, saber onde conseguir esse algo novo. Tem de ter foco e relevância. Uma visão de futuro, mas também paciência para ver o fruto do seu trabalho. E ser muito observadora e prestar atenção em detalhes. Acho isso fundamental para Biologia.

Quais são seus planos para o ano que vem?

Quero fazer uma pós voltada a negócios, para complementar o que eu não tive em Biologia.

Mais uma pós?

Uma em administração para não administradores, mais nesse sentido. Estou num mundo corporativo, vou mexer com dados financeiros que eu não tive na faculdade. É bom fazer cursos para me complementar.

Profissionalmente, como é que você se imagina daqui a 10 anos?

Uma executiva da empresa. Bem-sucedida. Mas não me vejo na mesma posição, na mesma carreira. Imagino que estarei fazendo uma coisa completamente diferente do que faço hoje.

Cite um ponto em que o colégio foi importante no seu dia a dia?

Organização de tempo. Se não estruturar o seu estudo, você não vai conseguir dar conta. Se não se estruturar e focar, você não consegue ser produtiva nem no seu trabalho. Gestão de tempo é algo muito importante. E responsabilidade também. Disciplina e maturidade, o colégio ajudou bastante.

Quando você pensa no Etapa, quais são suas recordações?

Saudade. Uma época muito leve, por mais que a preocupação parecesse grande.

Você ainda tem amigos do colégio?

Ainda encontro alguns, muitos só pelo Facebook. Infelizmente, tem a distância.

O que mais você quer dizer para nossos alunos atuais?

Parabéns por estarem cursando o Etapa. Deem valor a isso. Muito pouca gente tem a oportunidade de receber uma orientação tão bem dada. Tentem aproveitar, tirar o conhecimento ao máximo. Visitem as faculdades e perguntem às pessoas por que elas estão cursando, qual carreira elas querem seguir. Muitas vezes a gente se foca em saber se o curso é bacana ou não, sem saber a aplicação dele no mercado, a carreira que exatamente a gente vai seguir.